



Espiritualidade Cristã Indígena Pataxó

Hitôhã Pataxó

Nos dias atuais, em que as pessoas se esforçam por interpretar, elaborar, sistematizar e publicar conhecimentos, visando melhor compreender a realidade que integram é preciso também que a teologia indígena seja posta em pauta, tendo em vista a elaboração, ordenação e exposição do seu saber religioso e cultural. Na tentativa de compreensão da forma de viver das etnias nativas, foram diversas as abordagens e teorias em relação à cultura e espiritualidade indígena. Para uns a maneira original de relação do indígena com o transcendente deve ser mantida na sua forma mais primitiva, outros já apregoam que estas relações são tão diferentes que devem ser substituídas por uma forma padrão. Ainda há um terceiro grupo que parte do pressuposto de que esta experiência deve ser considerada, tendo em vista que suas relações naturais e sobrenaturais fazem parte da diversidade da vida no mundo, conforme a exposição bíblica, “Tudo quanto tem fôlego louve ao Senhor” Sl. 150.6a. Este último grupo é característico dos tempos em que vivemos que favorece o diálogo e a busca de consenso, para fins de uma teologia contextual.

Na teologia contextual, mais propriamente a teologia da missão integral, é perceptível a abertura que se dá à dinâmica das relações humanas, em que cada contexto procura vivenciar sua espiritualidade de maneira original à luz da palavra de Deus. Nisto se compreende que Deus é Senhor de toda sua criação e que, através do Espírito Santo, as culturas podem ouvir o seu sopro.

É em vista disso que é possível falarmos da espiritualidade indígena, em específico a Pataxó. Para os indígenas a espiritualidade é um catalisador e norteador de sua vida diária. Desde muito novas as crianças eram ensinadas (através da oralidade do testemunho) pelos pais e pelo líder religioso denominado Pajé, a importância de valorizar, praticar e viver a espiritualidade. Espiritualidade para o Pataxó é entendida como a maneira peculiar de sua vivência, interpretação e construção da vida em consonância com o mundo sobrenatural. Não é algo “de fora”, distante, alienado da vida, mas solícito a ela em sua manifestação mais concreta. A espiritualidade Pataxó emana de dentro para fora, de perto para longe, é experimentada, prática e vivencial. Não há preocupação em sistematizar ou teorizar o pensamento religioso, antes, mais importante que conhecer é viver. Nisto certamente se identificam a maioria das culturas indígenas.

A cultura Pataxó carrega uma forte identidade religiosa, herança esta que dura sua existência como povo. O nascimento de uma criança, a formação ética, a orientação de inserção na vida social, os rituais de passagem, as cerimônias de casamento, a medicina natural, as reuniões

grupais, são características culturais orientadas pela espiritualidade. A maneira indígena de compreensão e vivência da espiritualidade tem correspondência com a semítica, em que o espírito habita a matéria, a realidade concreta. Pelo que o corpo não existe a parte do espírito.

É em relação à isso que desejo apresentar alguns pontos centrais e visíveis da cultura e espiritualidade indígena, mas propriamente a Pataxó, buscando demonstrar o jeito simples em que o indígena constrói seu modo de vida baseado em sua compreensão de mundo, levando em conta seu contexto histórico original.

Segurança – é o primeiro traço visível da espiritualidade indígena. Diz respeito ao ambiente das relações pacíficas, pelo que, os indígenas, sendo nômades ou seminômades, sua casa sempre era o além, em vista disso a melhor maneira de uma vivência sadia seria a fraternidade entre os povos.

Estabilidade - entendida como retenção necessária para a sobrevivência. Toda comunidade tradicional possui consciência que é um corpo. No caso indígena acrescenta-se a relação com a natureza que é sua “mãe” provedora e mantenedora da vida. Nisto está a estabilidade, na integração e interdependência do grupo e com o meio ambiente e o cuidado mútuo.

Comunhão – trata-se do viver bem comunitariamente. Após 509 anos de uma história de derramamento de sangue e dominação, nossos parentes ainda encontram motivação para cantar, pular, correr, brincar, festejar e sonhar. Isto somente é possível pelo fato da comunhão ser um elemento identificador na cultura e modo de vida indígena.

Respeito - é percebido no ambiente das relações recíprocas. No sistema nativo a vida não é construída aleatoriamente, mas pensada criativamente, tendo como orientação as normas pré-estabelecidas por cada comunidade. A comunidade é o agente da criação, rejeição e observação das leis, com base em suas tradições e modo de vida, sendo por si mesmo sua tutora. Tais normas assumem com o passar dos tempos o caráter de tradição e as gerações seguintes baseiam-se nestes critérios para se organizarem e manterem a respeitabilidade, bem como às ajustarem às mudanças do mundo.

Celebrações litúrgicas - norteiam o relacionamento do nativo com o sobrenatural. Tradicionalmente, na cultura indígena, elas envolvem as cerimônias de petição e agradecimento a Deus ou aos espíritos e são realizados através de práticas diversas. Tem havido formas diferentes de compreensão e recepção desse traço da vivência indígena. No caso dos Pataxó, em ações de gratidão e petição, sempre se recorreu a forças que se compreendia superiores àquela de quem realizava a petição ou o agradecimento. Mas todo este processo possuía uma orientação comum: nunca fazer nada que causasse intencionalmente o desequilíbrio e prejuízo alheio ou da própria natureza. É evidente que as comunidades indígenas, de um modo geral, relacionam o natural com o sobrenatural. Isto é um fato cultural. Há, entretanto, rituais e práticas que comprometem de fato o direito à vida, e que atualmente já estão sendo revistas pelos próprios nativos, em sua liberdade de

guardar e revisar suas tradições. Os parâmetros que norteiam essas revisões são diversos, internos e externos às comunidades. Não há como negar a influência da fé cristã, seja católica ou protestante, entre os indígenas. Há também a influência da sociedade secular, através da educação formal e, com isso, o conhecimento dos direitos humanos, da criança e do adolescente, dos idosos, etc. A mídia também chegou até muitas tribos e trouxe informações diversas. Há também as transformações internas decorrentes das mudanças das próprias gerações, pois os indígenas não são povos estáticos, cristalizados no tempo. Eles pensam, interagem com o meio e decidem por transformações. São criativos e, muitos mais que simplesmente reagir ao meio, que Rubem Alves afirma ser um comportamento apenas no nível biológico, eles respondem ao meio e buscam transformá-lo, o que é característico do humano de acordo com ele¹.

O mais importante nisso é que nós indígenas possuímos maneiras peculiares de espiritualidade, e que ela envolve os aspectos acima mencionados. É através desses traços que o indígena vive, elabora, pensa e sonha a vida. É inapropriado, portanto, analisar ou julgar a espiritualidade indígena à parte da sua cultura e da vida da comunidade. Tudo o que fazemos é cheio de significados e extremamente importante para a compreensão do nosso modo de vida.

Outro aspecto que merece destaque é a relação com o Espírito Santo. No contexto indígena há uma religiosidade natural e, portanto, afeita à ação do Espírito no mundo. O mesmo não ocorre com a mesma intensidade entre os não-indígenas, principalmente entre aqueles povos mais influenciados pelo antropocentrismo moderno. Deriva-se daí também a dificuldade de aceitação do modo de ser indígena, pois não são simples costumes diferentes, mas todo um modo de compreender a realidade que difere do modo de ser não-índio. De fato, é difícil para muitos concordar que há outros modos de se relacionar com o Espírito Santo além dos seus.

Os Pataxó sempre confiaram a Noketoiná Niamisu (o Grande Deus) a sustentação do mundo. Isso não mudou e Niamisu sempre os atendeu. Muitas pessoas não indígenas não compreendendo essa forma de espiritualidade indígena consideram essa esperança de caráter demoníaca, pois entendem ter à ver com a tradição indígena de relação com os espíritos para proteção das florestas. De fato, a preocupação com a natureza é a mesma, mas sabe-se que isso é realizado pelo Espírito Santo de Deus. É em função disso a gratidão Pataxó a Niamisu pelo alimento diário, pelas chuvas, pelo sol, pela sabedoria da arte, pela vivência da comunidade. A ação do Espírito Santo no mundo envolveu e continua envolvendo tudo o que é criação de Deus. O povo Pataxó pode experimentar a vida no século XXI porque aprouve ao Espírito sustentá-los. E, quando cultivam a segurança, a estabilidade, a comunhão, o respeito e sua liturgia, os Pataxó não somente correspondem à sua cultura, mas principalmente à obra do Espírito Santo no mundo, a fonte primeira da vida.

1 ALVES. Rubem. *Da Esperança*. São Paulo: Papyrus, 1987, p. 45.

Para uma vivencia da fé cristã entre os Pataxó é necessário que Cristo seja formado na vida concreta de nossa etnia, sob a direção da palavra de Deus, lida a partir da nossa realidade cultural. Pois este é o caminho escolhido por Deus para a salvação de toda a humanidade. A espiritualidade Pataxó deve derivar do reconhecimento da obra de Saritã (Jesus), o filho de Deus, por força da presença e ação reconciliadora do Espírito Santo em seu meio.

*Pr. Izaias Silva (Hitôhã Pataxó). Pastor da Igreja Evangélica Pataxó
MG. Bacharel em teologia pela FATE-BH*